

OS ASPECTOS ESTÉTICOS DE ODES DE HORÁCIO E DE RICARDO REIS

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL, UERJ)
marciomoitinha@hotmail.com
Daniel de Assis Soares (UERJ)
das.brasil@yahoo.com.br

RESUMO

Este minicurso trata do seguinte tema: os aspectos estéticos de odes de Horácio e de Ricardo Reis, que serão abordados sob o viés da Literatura Comparada. Primeiramente, teceremos comentários acerca da fundamentação teórica, que norteia e justifica este estudo. Em seguida, trataremos das características estéticas semelhantes e distintas entre as odes horácianas e ricardinas, tais como: a filosofia epicurista e estoicista, a mitologia, o estilo dos poetas, os temas e as referências das odes, a interlocução e o erotismo. Em relação às filosofias, mostraremos as origens, a popularização e seus reflexos, nas odes. Quanto à mitologia, trataremos do culto aos deuses e das relações que estabelecem com os homens. Também, cabe ressaltar que apesar das obras terem sido escritas em línguas diferentes, versaremos sobre os recursos estilísticos utilizados pelo poeta português para que seu estilo fosse semelhante ao de Horácio. Ainda neste minicurso, no tocante aos temas, às referências e à interlocução, embora sejam elementos existentes, tanto em Horácio, quanto em Reis, revelaremos em que eles se distinguem. Por fim, demonstraremos que Ricardo Reis se inspira no poeta latino para escrever suas odes; por sua vez, Horácio busca inspiração na lírica grega.

Palavras-chave:

Horácio. Literatura comparada. Poesia latina. Poesia portuguesa. Ricardo Reis.

1. Introdução

A literatura de inspiração clássica constitui a ilustração mais feliz da transformação da matéria emprestada por meio de desvios, os verdadeiros índices de sua originalidade. As maiores obras-primas da literatura européia não são originais (origem), tendo-se inspirado em fontes que outras, antes delas, já tinham encontrado. (NITRINI, 2006, p. 142)

O escopo deste minicurso é analisar os aspectos estéticos de odes de Horácio e Ricardo Reis sob o viés comparativo, destacando o que há de semelhante e distinto, entre ambas as obras.

Pois o ser humano quer queira ou não, faz comparações seja de maneira explícita ou implícita, de forma natural, sendo isso algo “[...] tão antigo, quanto o nosso pensamento [...]. Grupos, como indivíduos, preci-

sam projetar-se, além do círculo de suas relações, se quiserem entender sua própria natureza [...]”¹. Isto é, para que indivíduo entenda sua própria literatura, precisa comparar com outra ou até mesmo outras literaturas, contudo, isso irá depender daquilo que se queira encontrar ou da necessidade do comparatista.

Através de tal procedimento é possível encontrar os empréstimos mais diversos, que são apropriações de outrem. Este esquema de apropriação, de maneira nenhuma, pode ser classificado como “imitatio”², cuja aplicação conceitual vem “da antiguidade à metade do século XVIII” (COMPAGNON, 2010, p.37), o certo é ser classificado como influência conforme declara a autora Nitrini, quando diz: “[...] imitação é um contato localizado e circunscrito, **enquanto a influência é uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do escritor**” (NITRINI, 2006, p.127-128). É possível notar que tal conceito descrito pela autora ocorre com Ricardo Reis, que sofre a influência de Horácio. Suas respectivas obras estão separadas por um espaço temporal de aproximadamente dois milênios, entretanto isso não impede que a personalidade artística do poeta português deixe de ser influenciada aos moldes horacianos.

Portanto, apesar deste longo período histórico entre a antiguidade clássica e o modernismo português, este está imbuído de fatos sociais, históricos, filosóficos, culturais, que tornam as obras esteticamente distintas, ao mesmo tempo as tornam análogas.

2. *Das (des)semelhanças*

2.1. *Do epicurismo e do estoicismo*

Horácio, assim como Ricardo Reis, é um adepto à filosofia epicurista e estoicista. A primeira busca: compreender os mecanismos que controlam e movimentam o universo e, finalizar os medos e as perturba-

¹ COUTINHO, Eduardo de Faria; CARVALHAL. Literatura comparada: textos fundadores (org). 2. ed. Rio de Janeiro. Rocco, 2011. p. 23-4

² Imitação.

ções humanas através da moderação; já a segunda busca a “[...] salvação da sociedade pela dependência do homem à providência divina [...]” (NOVAK, 1999, p. 262).

No poema XI do *Liber primus*, Horácio trata da brevidade da vida indissociável à ideia de fugacidade do tempo e ao mesmo tempo faz um convite ao homem para aproveitar a vida, ou seja, o poeta apresenta uma solução para resolver tais problemas com desejo e desempenho.

*Tu ne quaesieris, scirenefas, quem mihi, quem tibi
finem didederint, Leuconoe, Nec Babylonios
Temptaris numeros. Ut melius quicquid erit pati!
Seu pluris hiemes seu tribuit Iuppiter ultimam,*

*Quae nunc oppositis debilitat pumicibus maré
Tyrrenum: sapias, vina liques, et spatio brevi
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida
aetas: carpe diem, quam minimum crédula postero.*³

*“Tu não questiones, (porque) saber (é) nefano,
que fim para mim, que fim para ti os deuses terão dedicado,
Oh Leocone!, nem tenteis os números Babilônicos,
seja o que for o melhor é alimentar.
Ou atribui Júpiter muitos invernos ou o último”.*

*Saibas estas coisas: Agora o mar Tirreno debilita⁴ ante os rochedos opostos.
Abandonará os vinhos e num espaço breve (de tempo de vida)
suprima a Esperança longa. Enquanto falamos (pergunto),
tinha fugido o invejoso tempo: aproveite o dia (e)
(sejas)quão menos possível crédula no futuro.*⁵”

Reis acompanha as mesmas ideias horacianas, contudo, apresenta um epicurismo triste, resignado. Para ele “colher” (aproveitar) é algo meramente existencial.

*Uns, com os olhos postos no passado,
veemo que não veem: outros, fitos
os mesmos olhos no futuro, veem*

³ HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/down/lo-ad/texto/gu009646.pdf.p.08>

⁴ Quebra.

⁵ Isto é, o que quer que (o futuro) reserve.

*o que não pode ver-se.
por que tão longe ir pôr o que **está** perto -
a segurança nossa? este é o dia,*

*esta é a hora, este o momento, isto
é quem somos, e é tudo.
Perene **flui** a interminável hora
que nos confessa nulos. no mesmo hausto
em que vivemos, morreremos. **colhe**
o dia, porque **és** ele.⁶*

Esta ideia de resignação se dá pelo fato do eu-lirico aceitar o destino, tal postura é a definição perfeita da filosofia estoica. Pois a recusa do destino também poderia trazer perturbação ou preocupação ao ser humano.

Além da conformidade com o destino, o estoicismo não aceita coisa alguma que venha perturbar ou gerar preocupação a alma conforme expressa a lírica horaciana no poema III do *Liber tertius*:

*Iustum tenacem propositi virum
non civium ardor prava iubentium,
non voltus instantis tyranni
mente quatit solida, neque auster,*

*duxin quieti turbidus hadriae,
nec fulminantis magna manus iovis;
si fractus in labatur orbis,
impavidum ferient ruinae.⁷*

*“O ardor dos cidadãos que não impõem coisas tortas⁸
o vulto do tirano iminente abala por causa de uma mente sólida
o homem justo e tenaz⁹ no (seu) propósito
nem o austro,*

*o comandante turbado do inquieto mar adriático
nem a magna mão do fulminante Júpiter*

⁶ REIS, Ricardo. *Poemas de Ricardo Reis*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000005>, p.49

⁷ HORÁCIO. Odes e Epodos. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu009646.pdf>, p.39

⁸ Isto é, coisas defeituosas que não são direitas, portanto, injustas.

⁹ Firme, persistente.

*caso (a mão) da fraturada orbe caia
as ruínas ferirão o impávido”.*

Portanto os poetas, Horácio e Ricardo Reis, possuem a mesma perspectiva estoica e epicurista. Mas com relação a esta, apresenta um diferencial: sua melancolia é explicada pelo caráter existencial do eu-lírico.

2.2. Da Mitologia

As religiões da Grécia e da Roma antigas desapareceram. As chamadas divindades do Olimpo não têm mais um só homem que as cultue, entre os vivos. Já não pertencem à teologia, mas à literatura e ao bom gosto. Ainda persistem, e persistirão, pois estão demasiadamente vinculadas às mais notáveis produções da poesia e das belas artes, antigas e modernas, para caírem no esquecimento. (BULFINCH, 2002, p. 06)

Na visão de Bulfinch, hoje os deuses da antiguidade não são mais cultuados, porém estão presentes em obras artísticas e literárias do período clássico.

O poeta latino atribui sua vocação aos deuses no poema *IXdo Liber primus*:

*O testudinis aureae
dulcem quae trepitum, pieri, temperas,
omnis quoque piscibus
donatur acycni, si libeat, sonum,
totum muneris hoc tuist,¹⁰
[...]*

*“Oh, piero!, que temperas¹¹ o doce ruído¹²
da lira aurea,
outrossim, se liberares o som do cisne
doarás para os mudos peixes.*

*tudo isto, (é) dádiva tua
[...]*”

¹⁰ *Ibidem*, p. 63.

¹¹ Moderas, modulas, regulas.

¹² Som.

No poema *XXV* do *liber Tertius* Horácio diviniza o imperador Augusto por meio de Baco, de **forma mediúnica**,

*Quo me, Bacche, rapistui
Plenum? Quae nemora aut quos agorin specus,
Velox mente nova? Quibus
Antri segregii Caesaris audiar
Aeternum meditans decus
Stellis inserere et consilio Iovis?
[...]*

*“Oh Baco! Para onde me raptas, a mim pleno de ti?
Para quais bosques ou para quais grutas sou impelido,
veloz com mente nova?
(que) a glória do egrégio Cesar seja ouvida
meditando, em quais antros,
a misturar com as estrelas e com concilio de Júpiter?”*

A divinização do homem também aparece, na poesia de Reis, quando declara:

[...]
Nós, imitando os deuses,
tão pouco livres como eles no Olimpo,
como quem pela areia
ergue castelos para encher os olhos,
ergamos nossa vida
e os deuses saberão agradecer-nos
o sermos tão como eles. (BELKIOR, 1988, p.68)
(grifos nossos)

Por outro lado Horácio, em sua Ode, faz referência à divindade, utilizando-se dos modelos ritualísticos romanos bem tradicionais como aparece, no poema XIII do *Liber Tertius*:

*O fons Bandusiae, splendidior vitro, Dulci
digne mero non sine floribus,
Cras donaberis haedo,
Cui frons turgida cornibus

Primiset venerem et proelia destinat;
Frustra: nam gélidos inficiet tibi
Rubro sanguine rivos,
Lascivis uboles gregis.¹³*

¹³ *Ibidem*, p. 40.

*Ó fonte da Bandúsia, mais esplendrado que o cristal,
não sem flores, (mas também) digna de um doce vinho,
amanhã serás, (tu fonte) presenteada com um cabrito,
que a fronte túrgida¹⁴ com os primeiros chifres, não só destina Vênus,*

*mas também as batalhas (amorosas)
em vão, de fato, (porque) a prole do lascivo¹⁵rebanho
te tingirá gélidos rios
com sangue rubro.*

Neste poema, o autor expressa a simplicidade e a vida calma do campo, o que além de revelar sua preferência, louvam as fontes, moradas das Ninfas; que também estão presentes na poesia de Reis com deus Pã na Ode “Deixemos, Lídia”:

*As ninfas não sossegam
na sua dança eterna.
e como as **Hamadriades** constantes
murmuram pelos rumos das florestas
e atrasam o deus pã.
Na atenção à sua flauta. (BELKIOR,
1988, p. 151) (grifo nosso)*

Segundo o autor Thomas Bulfinch:

*As ninfas dos bosques, companheiras de Pã nas danças,
constituíam apenas uma das classes das ninfas. Havia,
além delas, as Náiades, que governavam os regatos e as
fontes; as Oréades, ninfas das montanhas e grutas, e as Ne-
reidas, ninfas do mar. As três últimas eram imortais, mas
as ninfas dos bosques, chamadas Driades ou Hamadriades,
morriam, segundo se acreditava, com as árvores que lhes
serviam de morada e juntamente com as quais nasciam
(BULFINCH, 2002, p. 204-5)*

Partindo do esclarecimento do autor supracitado nota-se que as ninfas que Horácio celebra na Ode (III, XIII) são as Náiades, pois aquelas citadas por ele habitavam as fontes.

¹⁴ Dilatada, inchada.

¹⁵ Imoral, devasso, inclinado para os prazeres sexuais.

O poeta também oferece sacrifícios em honra às fontes, o que dá um aspecto sagrado ao poema e produz um ambiente estético, que o autor Tringali denomina ecologia mítica. Assim, ele afirma:

*Em Horácio, se configura uma **ecologia mítica**, religiosa. A relação com as coisas da natureza se dá por intermédio da divindade, que a protege. Horácio deixa claro que vê e ouve os espíritos da natureza, vê Fauno, por exemplo, percorrendo seu campos, vê Liber em companhia das Ninfas e dos Sátiros, ouve os campos de Calíope. (TRINGALI, 1995, p. 98 e 99) (grifo nosso)*

Esta paisagem suave e serena, porém movimentada e selvagem fornecida pelo poeta latino, além de uma inspiração, é uma representação do deus Baco.

Também pode ser observado, na poesia horaciana, que as relações com a natureza ocorrem através dos deuses, de modo par, isso pode ser atestado, em Reis, quando diz:

*Deixai-me a Realidade do momento
e os meus deuses **tranquilos** e imediatos
que não moram no vago
mas nos **campos e rios**. (BELKIOR, 1988, p. 71)
(grifos nossos)*

O posicionamento do poeta romano como adorador dos deuses aparentemente contradiz o ideal filosófico epicurista, contudo isso é um reflexo da cultura romana.

Esta cultura é tão forte e influente que Horácio renuncia à filosofia epicurista, conforme aparece no poema XXXIV do *Liber primus*:

*Parcus deorum cultor et infrequens,
Insanientis dum sapientiae
Consultus erro, nunc retrorsum
Vela dare atque itera recursus*¹⁶

*Cultor infrequente dos deuses e (tendo pouco) consultado (a eles)
Enquanto andarilho da insana sapiência,
agora para trás (estou) a dar as velas
e reiterar o curso. (Tradução nossa)*

¹⁶ *Ibidem*, p. 20.

Tal postura do poeta latino é uma tendência, bem comum, na literatura latina e aceitável pela tradição poética, nem mesmo o “[...] o próprio Epicuro pretendia extirpar totalmente do seu modo de corrente de pensar [...]”. (CITRONI, *et al.*, 2006, p. 531)

Percebe-se também uma inclinação por parte de Horácio a atribuir aos deuses, fenômenos que fogem à sua compreensão. Na lírica ricardina aparece esta mesma ideia no seguinte trecho:

*Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
da certeza com que eles
sabem que há o universo.
[...] (BELKIOR, 1988, p. 71)*

Até o momento, todas as características estéticas no campo mitológico convergem entre Horácio e Ricardo Reis, todavia o poeta português diverge em um aspecto único, que diferencia uma obra da outra: o paganismo de Reis (ou neopaganismo).

Segundo Leyla Perrone-Moisés:

Reis foi o principal teorizador do Neopaganismo Português, movimento que tinha um ambicioso objetivo cultural: corrigir os erros da civilização cristã, responsável pela decadência do Ocidente, recuperar a clarividência e a saúde mental das civilizações pagãs Grécia e Roma. (In: PESSOA, 2000, [orelha])

O diferencial deste movimento é a presença de Cristo, no panteão do autor modernista, nele Cristo é só mais um deus, igual aos outros:

*[...]
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.
[...].
(BELKIOR, 1988, p.58, grifos nossos)
[...]
Nem mais nem menos és, mas outro deus.
No Panteão faltavas. Pois que vieste
No Panteão o teu lugar ocupa,
[...]
(BELKIOR, 1988, p. 88) (grifos nossos)*

Também no panteão de Reis, Cristo não é odiado ou menosprezado, conforme ele mesmo diz:

*Não a Ti, Cristo, odeio ou menosprezo
Que aos outros deuses que te precederam
[...] (BELKIOR, 1988, p.88, grifos nossos)*

Sendo assim, o culto aos deuses não é algo exclusivo de Horácio, pois Reis também o faz, inclusive adotando a mesma construção estética, porém inovando com a coexistência de Cristo, no Panteão.

2.3. Da Estilística

2.3.1. Do uso do participio presente (gerúndio)

Horácio faz uso do participio presente cujo correspondente, na língua portuguesa é o gerúndio, também muito utilizado por Ricardo Reis. Essa correspondência é corroborada pelo autor Márcio Luiz Moitinha Ribeiro, quando diz: “[...] participio presente traduz-se pelo nosso gerúndio ou por uma oração relativa”. (RIBEIRO, 2014, p.151) Ou seja, o uso do gerúndio por Reis é uma forma estilística de aproximação com o estilo latino.

Os trechos das odes (I, II) e (II, VI) respectivamente são exemplos do uso do participio presente pelo autor latino:

*Iliae dum se nimium querenti
lactatultorem, vaguset sinistra
Labitur ripa love non **probante** uxorius
amnis.*¹⁷

*Enquanto se lança o vingador
muito para aqueixante Ilia, errante e esposo terno
não aprovando Júpiter, (como) uma corrente que se resvala
por uma margem sinistra.*

*Ille te mecum locus et beatae
Post ulant arces; ibi tu **calentem**
Debita sparges lacrima favillam
Vatis amici,*¹⁸

¹⁷ *Ibidem*, p. 03.

¹⁸ *Ibidem* p. 27.

*Aquele lugar e as ricas cidades
(onde) te desejam comigo, ali tu
Esparges as quentes cinzas
De um vate amigo com lagrima devida*

Seguindo a estética do poeta Horácio, Reis faz uso do gerúndio:

[...]
*tranquilos, plácidos,
lendo as crianças
por nossas mestras,
e os olhos cheios
de natureza...*

[...]
*leve descanso
De estar **vivendo**.*

[...] **fitando** o sol,
*da vida iremos
tranquilos, tendo
nem o remorso
de ter vivido.*

(BELKIOR, 1988, p. 54, grifos nossos)

2.3.2. *Do uso do imperativo*

Quanto ao uso do imperativo, este flui na lírica horaciana, como napodemos observar na passagem, abaixo, que o poeta sugere fugir de perguntar acerca do futuro no poema IX do liber primus. Leiamos a passagem:

*Quid sit futurum cras, fuge quaerere [...]*¹⁹

Que seja o futuro amanhã, foge (tu de) perguntar

A função do verbo, no modo imperativo, entre outras, é sugerir algo ou alguma coisa. Tal função muito bem usada por Horácio, no fragmento supracitado, tem o escopo de aconselhar. O mesmo intento também aparece em um trecho do poema III do Liber Tertius:

*Virginum matres iuve num quenuper
Sospitum. Vos, o pueri et puellae*

¹⁹ *Ibidem*, p. 07.

Iam virum expertae, male ominatis
Parcite verbis.²⁰

*As mães das jovens virgens que recentemente
estão seguras. Vós, Oh, meninos e meninas pre-
dizeis Injustamente o homem experimentado.
(Portanto) Reteis vós por causa das palavras*

Ricardo Reis aos moldes horacianos também faz uso corrente do verbo no modo imperativo:

[...]
Vivei nos vossos sonhos e **deixai-me**
(Vós crentes)
[...]
Segue o teu destino,
rega as tuas plantas,
ama as tuas rosas.
[...]
deixa dor nas aras
[...]
vê de longe a vida. (BELKIOR, 1988,
p. 85, grifos nossos)

Sendo assim, o uso do verbo no imperativo não é uma característica exclusiva de Horácio, pois Reis também o faz no vernáculo, ou seja, mesmo sendo línguas diferentes a poesia possui o mesmo estilo.

2.3.3. *Do uso de latinismos e dos Hipérbatos.*

Durante o Renascimento, no século XVI, inicia em Portugal uma magna movimentação intelectual com a participação de gramáticos de renome. Esse fenômeno ficou conhecido como relatinização. Contudo é sabido que o uso de fontes latinas vêm acontecendo, desde a Idade Média, conforme declaram os autores Saraiva e Lopes:

O Latim, e, sobretudo o Latim escolástico, foi como não podia deixar de ser, a língua sobre a qual a prosa doutrinal portuguesa apoiou os primeiros passos, que decalcando nele suas formas, quer aprovisionando-se do vocabulário

²⁰ *Ibidem*, p. 49.

que lhe faltava. [...]D.Duarte socorre-se frequentemente a latinismos, embora condene seu uso imoderado. Palavras como: abstinência, infinito, fugitivo, evidente, sensível, intelectual, circunspecção e [...] contam-se entre os latinismos que nesta época são enxertados no tronco da língua. SARAIVA & LO-PES, 2010, p. 115)

Por meio da relatinização (quer seja por empréstimo ou recondução) foram introduzidos novos termos no idioma português. Tal procedimento contribuiu para o processo de formação de um léxico erudito, sendo este utilizado Reis em suas Odes conforme aparece no fragmento a seguir:

[...]
*Cálida e loura, núbil e triste,
Tu, mondadeira dos prados quentes,
Ficas ouvindo, com os teus passos
Mais arrastados,
[...] (BELKIOR, 1988, p. 59, grifos nossos)*

Estes termos alatinados, resultados de empréstimos da língua latina, têm seus correspondentes em latim e aparecem nas Odes (III, XIII) e (I, VII) respectivamente:

[...]
*Lenit albescens animos capillus
Litium et rixae cupidos protervae;
Non ego hoc ferrem **calidus** iuventa
Consule Planco.²¹(grifo nosso)
[...]*
*O cabelo alveante lenes animos,
(e) os desejos de litígios e rixas audaciosas;
Eu, Cálido, não suportaria isto:(esta)
juventude sendo cónsulePlanco.*
*Albus ut obscuro deterget **nubila** caelo
Saepe Notus neque parturit imbris
Perpetuo, sic tu sapiens finire memento
Tristitiam vitae que labores*

²¹ *Ibidem*, p. 49.

[...](grifo nosso)²²

*O notório alvo limpa ao céu perpétuo obscuro
Muitas vezes para que a **núbil** (nuvem) de chuva não dê a luz
Assim tu, sábio, lembra-te (de) findar
A tristeza e labores da vida.*

Além do uso dos latinismos, Reis, para aproximar-se do estilo horaciano e da língua latina, faz uso de outro recurso estilístico: o hipérbato. Este consiste na transposição, na ordem das palavras, desta maneira essa ordem no vernáculo se assemelha a ordem das palavras no latim conforme revelam fragmentos das odes a seguir:

*Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.
[...]
As rosas amo dos jardins de Adónis
[...]
[...]
Não florescem no inverno os arvoredos
[...] (BELKIOR, 1988, p.60)*

Tal recurso é justificado por Santos quando diz

Uma nova relação se estabelece entre os elementos constituintes da frase e repercute sobretudo nos acentos rítmicos. Este artifício rebuscado é feito com tal propriedade que ao invés de artificialidade o resultado é extremamente conveniente para a nobreza e elevação da linguagem poética. (SANTOS, 1998, p. 43)

Portanto, mesmo sendo idiomas distintos, as Odes possuem um léxico que as vinculam esteticamente. Outro aspecto no campo estilístico é a aplicação de uma figura sintática, ou de construção, conhecida como hipérbato em português estrutura a oração aproximando-a da construção frasal latina.

²² *Ibidem*, p. 06.

2.4. Dos temas e da interlocução

Embora as Odes Horácianas e ricardinas sejam esteticamente bem semelhantes, as particularidades das odes de Reis que as diferenciam se refletem também em seus temas e interlocuções.

As Odes de Horácio têm temas mais específicos, isso se explica pela presença de uma extensa “[...] diversidade de relações pessoais do poeta [...]” (CITRONI, *et al.*, p.527) o que deixa a obra do poeta romano mais contextualizada com sua época, isto é, as odes horácianas estão isoladas, ao contrario das odes de Ricardo Reis que têm temas breves e vinculados a Horácio, em outras palavras, Reis não sustenta sua obra sozinho, somente vinculado a obra horáciana.

O poeta português é descontextualizado, constrói um ambiente poético fora de seu tempo, tal fato também explica porque Horácio é multifacetado, em seus temas e referências, e Reis é sucinto.

Isso pode ser constatado, através da interlocução, em Horácio se dirige a vários tipos de pessoas, ao todo “[...] são cerca de trinta figuras”. (CITRONI, p. 526) incluindo lideranças políticas e culturais como Mecenas a quem dedica a Ode (I, I):

*Maecenas atavis edite regibus,
O et praesidium et dulce decus meum,
[...]*²³ (grifo nosso)

*Oh! Mecenas, elevado pelos reis ancestrais, O meu
doce apoio e a (minha)glória
[...]* (Tradução nossa)

Já Reis por meio de empréstimos de personagens das Odes horácianas constrói própria interlocução, mais uma vez demonstrando sua vinculação.

*Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que estejamos.
[...]* (BELKIOR, 1988, p. 136) (grifo
nosso)

*Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah!, **Cloe, Cloe,**
Se não amo nem bebo,*

²³ *Ibidem*, p. 02.

[...] (BELKIOR, 1988, p. 25) (grifos
nossos)

Logo, a escassez temática e a pouca interlocução ocorrem devido à ausência de referências, que por sua vez se dá pela descontextualização de Ricardo Reis.

2.5. *Do erotismo*

Em relação ao erotismo, o poeta latino é mais erótico que Reis, tendo este uma postura mais de observação, sem qualquer interesse de união carnal.

Horácio sendo erótico, em sua poesia, faz uso da polissemiano poema XXV do *liber primus* ao descrever a situação de Lídia:

*Parcius iunctas quatiunt fenestras
Iactibus crebris iuuenes proterui
Nec tibi somnos adimunt amatque
Ianua limen,*

*quae prius multum facilis mouebat
cardines.[...]²⁴*

*Poucos jovens libertinos batem
com jatos frequentes²⁵
nas janelas²⁶ juntas
Nem te tiram o sono.*

*A porta que primeiro movia muito fácil osgonzos²⁷,
(agora) ama o limiar²⁸. (Tradução nossa)*

²⁴ *Ibidem*, p. 25.

²⁵ Numerosos (desde que o sentido seja “apertado ou cerrado”).

²⁶ Janelas.

²⁷ Dobradiças.

²⁸ Soleira (material que fica debaixo do portal. O qual pode ser de pedra ou madeira).

Já Reis não é tão erótico, quanto Horácio, o desejo do poeta português era estar acompanhado e aproveitar o instante. As mulheres contempladas por ele em suas Odes eram vistas de maneira platônica não sendo objetos de possessão carnal conforme expressa o fragmento a seguir:

*Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.
Sosssegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)
[...] (BELKIOR, 1988, p.60)*

3. Conclusão

Comparar é algo inato aos seres humanos que o fazem, desde quando são muito jovens. Através de tal procedimento são captadas características determinantes dos objetos a serem comparados para que seja definida a proximidade ou a semelhança de um com outro; ou o distanciamento ou dessemelhança entre os objetos em comparação.

A partir desta conclusão orientada pelos fundamentos teóricos descritos, na introdução deste estudo, foram comparadas as Odes de Horácio e de Ricardo Reis, sendo encontrados aspectos análogos e particulares, o que reforça o mérito de serem originais.

Os aspectos semelhantes das obras são: as filosofias, a mitologia, os recursos estilísticos utilizados pelos autores em seus respectivos idiomas, entretanto tais aspectos apresentam particularidades que as diferenciam uma da outra; apesar de tanto Horácio quanto Reis adotarem os conceitos epicuristas em suas obras, o primeiro é um epicurista alegre, visto que aproveita o tempo com desejo e desempenho, ao passo que o segundo é um epicurista triste, resignado, totalmente conformado com o destino. Para este o aproveitamento do dia tem caráter existencial. Isto também explica o fato de Reis ser menos erótico em relação a Horácio.

Apesar de ambos cultuarem aos deuses, Reis adora também a Cristo, que possui, um lugar em seu Panteão.

Outra particularidade está patente na estilística: Reis utiliza verbetes alatinados para se aproximar do léxico latino, e o hipérbato também se faz presente na construção frasal para que ficasse semelhante a do latim; por outro lado, Horácio utilizou palavras do seu próprio idioma bem como, se valeu da construção frasal típica do latim, que privilegia a ordem inversa.

Embora existam semelhanças estéticas, entre os poemas os respectivos temas se diferenciam: Horácio é multifacetado e específico, enquanto Reis é sucinto e breve. Tal fenômeno acontece em função da descontextualização de Reis e pelo fato de Horácio estar isolado²⁹ e o segundo vinculado a este poeta romano. Tal vinculação explica também a ausência de muitas referências³⁰, o que resulta em pouca interlocução³¹.

Logo, a todos estes trabalhos comparativos, linguísticos, literários e estéticos que tivemos, serviram para analisar os estilos de cada autor comparando suas semelhanças e diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉLKIOR, Silva. *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa*. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1988.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Trad. de David Jardim Júnior. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CITRONI, M. *et al. Literatura da Roma Antiga*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COUTINHO, Eduardo de Faria; CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada: textos fundadores(org)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

²⁹ O poeta horaciano está localizado em determinado período do passado clássico, isto é, o autor faz uso de elementos como: fatos sociais, históricos e culturais que não fazem parte do cotidiano dos leitores contemporâneos.

³⁰ As referências são personagens existentes somente na época de Horácio, portanto estão bem contextualizadas, diferente de Reis, que para sustentar sua obra deslocou algumas referências do poeta latino para o século XX, o que gerou uma descontextualização do ambiente ficcional, ou seja, este não corresponde a época vivida pelo poeta português.

³¹ Por não ter muitas referências, Reis não se dirige a muitos personagens, porque os que estão presentes em suas poesias são empréstimos daqueles existentes na obra horaciana.

HORÁCIO. Publico. *Odes e Epodos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/texto/gu009646.pdf>

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo, EDUSP, 1997.

NOVAK, Maria da Glória. “Estoicismo e Epicurismo em Roma”. In: *Letras Clássicas*. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, n. 3, p. 262.-1999.

PERRONE MOISÉS, Leyla. [Orelha]: In: PESSOA, Fernando. Poesia: Ricardo Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

REIS, Ricardo. *Poemas de Ricardo Reis*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/Pe000011.pdf>

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinh; SIMONETTI, Flora. *Gramática Latina*. Vol 1. Icaraí: LL Divulgação Cultural, 2014.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2010.

SANTOS, Paulo Sérgio Malheiros dos. “Modernidade e fingimento em Fernando Pessoa – Ricardo Reis”. In: *Cadernos CESPUC de Pesquisa*. Belo Horizonte, n. 3, p. 37-48, abr. 1998.

TRINGALI, Dante. *Horácio – poeta da festa*. São Paulo: Musa, 1995.